

Palanque de FH rachado nos estados

Possibilidade de reeleição reacende velhas disputas regionais entre os aliados do presidente

Gustavo Miranda

Luís Costa Pinto e Tales Faria

BRÁSILIA

A possibilidade de reeleição do presidente e dos 28 governadores em 1998 antecipou problemas e levou Fernando Henrique Cardoso a começar a preparar os palanques estaduais onde vai pisar. Ele já discute o assunto com os presidentes do PFL, deputado José Jorge (PE), e do PSDB, senador Teotônio Vilella Filho (AL). A ordem é reproduzir a aliança que dá sustentação ao Governo (PSDB e PFL) no maior número de lugares possível. Mas, até agora, só o que conseguiram foi detectar dificuldades. Adversários políticos provinciais querem ter o presidente em seus palanques, mas não desejam posar para fotos de comício ao lado de velhos desafetos.

As eleições de 98 na Bahia prometem a maior dor de cabeça para Fernando Henrique. Os tucanos estão promovendo uma aliança com os demais partidos de oposição a Antônio Carlos Magalhães, cujo filho, Luís Eduardo, já anunciou que será o candidato do PFL a governador. Mas Teotônio anuncia:

— Se o PSDB lançar mesmo candidato a governador, Fernando Henrique poderá apoiar Luís Eduardo, mas terá que estar também no palanque do PSDB.

Candidatura de tucano ameaça embaralhar o jogo em Pernambuco

Outro problema é Pernambuco. A aliança PFL-PSDB é praticamente impossível. Trata-se da regional do PFL à qual estão filiados José Jorge e o vice-presidente Marco Maciel. Eles já têm aliança firmada em torno da candidatura a governador do ex-prefeito de Recife Jarbas Vasconcelos (PMDB). Mas o senador Carlos Wilson (PSDB-PE) já anunciou que será candidato contra Jarbas com o apoio do governador Miguel Arraes (PSB). Para piorar tudo, o PSDB também não abre mão do presidente.

— Se Carlos Wilson for candidato, Fernando Henrique vai ao seu palanque — diz o presidente nacional do PSDB.

No Rio o problema já começou. Em encontro com José Jorge, há duas semanas, Fernando Henrique propôs uma aliança do ex-prefeito César Maia, provável candidato do PFL ao Governo, com o governador Marcello Alencar (PSDB), que poderia sair candidato a senador. Mas César abriu fogo contra o secretário de Planejamento, Marco Antônio Alencar, filho de Marcello, responsabilizando-o pelo escândalo das cariokinhas. Marcello rebateu insinuando envolvimento do filho de César, Rodrigo Maia, secretário de Governo da Prefeitura carioca, com a máfia dos precatórios. A aproximação dos dois está se tornando praticamente impossível.

No Paraná, a solução ideal seria levar para o PSDB o governador Jaime Lerner (PDT). Mas as resistências do ex-governador Álvaro Dias podem empurrar Lerner para o PFL, um dos partidos da aliança governista. A legenda, no entanto, não agrada muito a Lerner. E, mesmo que entre no PFL, ele acabará concorrendo à reeleição contra Dias, deixando o presidente sem palanque.

Sem sucessor, Tasso pode tentar, contrariado, um novo mandato

Até em São Paulo Fernando Henrique terá trabalho para armar um palanque e evitar a derrota sofrida no passado nas eleições municipais. O governador Mário Covas, do PSDB, é candidato à reeleição. Deverá ter como adversário o ex-prefeito Paulo Maluf, o grande cacique do PPB. Durante a disputa municipal do ano passado, Maluf rachou a coligação que elegeu Covas em 1994, seduzindo o PFL. Agora, em virtude da aliança nacional, o PFL quer vir sua regional paulista novamente aliada a Covas ou, no máximo, com candidato próprio.

No Ceará, o governador Tasso Jereissati (PSDB) não vê a hora de ir para Brasília. Tasso não deseja a reeleição, quer ser senador para entrar nas conversas pós-98 que deverão traçar o perfil do sucessor de Fernando Henrique, mas precisa deixar um sucessor confiável. Ciro Gomes, que cumpriu este papel em 90, não é mais confiável para o comando do PSDB do Ceará. Ao senador Sérgio Maciel, amigo de Tasso, faltam votos para a empreitada. Ao senador Beni Vras, falta saúde. Se não encontrar alguém que consiga os votos necessários para suceder-lhe, Tasso tentará, contrariado, o terceiro mandato. É a única maneira de dar um bom palanque a Fernando Henrique no Ceará, onde o PMB de oposição é muito forte e onde o PCdoB vêm crescendo a cada eleição.